

LOULÉ

TERRITÓRIOS,
MEMÓRIAS,
IDENTIDADES



MUSEU
MUNICIPAL
LOULÉ

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO

Organização

Museu Nacional de Arqueologia /
Direção-Geral do Património Cultural
Museu Municipal de Loulé /
Câmara Municipal de Loulé

Coordenação geral

António Carvalho, MNA
Dália Paulo, MML/MC-SEC
Rui Roberto de Almeida, MML

Comissão científica

Victor S. Gonçalves, FLUL/UNIARQ
Amílcar Guerra, FLUL/UNIARQ
Catarina Viegas, FLUL/UNIARQ
Helena Catarino, FLUC
Luís Filipe Oliveira, UALG

Comissão executiva

António Carvalho, MNA
Dália Paulo, MML/MC-SEC
Isabel Luzia, MML
Maria Amélia Fernandes, MNA
Patrícia Batista, MML
Pedro Barros, DGPC/DBC
Rui Roberto de Almeida, MML

Projeto museográfico

Maria Manuela Fernandes, DGPC
Mónica Cruz, MML

Projeto de acessibilidades

Clara Mineiro, DGPC/DEPOF

Fotografias Território

Pedro Barros

Maquete Território

Scenerybubble

Réplicas e maquetes paleontológicas

Marco Marzola
Blue Line

Instalação *Identities*

Pedro Barros, DGPC/DBC

Montagem e instalação *Identities*

Balacava Noir
Edigma, S. A.

Proprietários e doadores

retratados em *Identities*

Amândio José Viegas
Armando Afonso
Artur Tomás
Christopher Whitewood
Felizardo Pinto
Fernando Arnedo
Fernando Mendes
Francisco Custódio Tereso
Gisela Brito
Jerónimo Chaveiro
Joaquim Manuel Guerreiro
José Manel Cabeçadas
José Martins Isabel
Júlio Fantasia Fernandes
Ludgero Dias
Luna Giovannangelo
Luís Costa
Luís João Guerreiro
Manuel David
Manuel da Silva Costa
Maria Bárbara Gonçalves
Maria Catarina
Maria Coelho de Jesus Guerreiro
Maria do Carmo Revez
Maria Guerreiro da Silva
Maria José Narciso
Maria Luísa Ramos Nogueira
Orlanda Baioa
Otília Maria
Paulo Bota
Rogério Espada
Vitor Manuel Guerreiro Mascarenhas

Produção e montagem da exposição

Construções Sampaio, L.^{da}

Coordenação da montagem da exposição

Maria Manuela Fernandes, DGPC

Inventário e catalogação

Isabel Luzia, MML
Luísa Guerreiro, MNA
Rui Roberto de Almeida, MML
Soraia Martins, MML

SIG e base cartográfica

Ana Matos Lima, CML
Ana Sofia Gomes, DGPC/DBC
Catarina Martins, CML
Pedro Barros, DGPC/DBC

Conservação e restauro

Alejandra Villarreal, México
Alina Amoiridou, Grécia
Antonietta Canteiro
Beatriz Aguilera Bermúdez, Espanha
Carolina Fontes
Cláudia Pinto
Helena Nunes, Mão de Papel
Karina Drapeau
Manuel Lemos, Archeofactu
Margarida Santos, MNA
Maria João Catarino
Maria Zafeiriadou, Grécia
Mathias Tissot, Archeofactu
Paula Guerreiro
Regina Rodrigues
Ricardina Inácio
Rita Matos, MNA
Sara Ferreira
Zélia Ponte

Vídeos, conceção e montagem

FBA./Beatriz Correia
Martino Correia
Nathaly Rodrigues

Apoio técnico

Adília Antunes, MNA
Ana Isabel Martins, MML
Ana Isabel Santos, MNA
Ana Margarida Ferreira, MMSR
Ana Pratas, MEACV/VW
Ana Rosa Sousa, MML
André Pereira, UNIARQ
Antonietta Canteiro, MML
Carla Barroso, MNA
Cleia Detry, UNIARQ/FLUL
David Gonçalves, DGPC/LARC e
CIBIO/InBIO
Emanuel Sancho, MTSBA
Filipe Henriques, MEACV/VW
Hugo Campos, FCT/UNL
José Branco, MML
Lígia Laginha, MML
Luísa Guerreiro, MNA
Luísa Mogo, MMAS
Luís Antunes, MNA
Luís Campos Paulo, MMAA
Maria João Catarino, MML
Maria José Gonçalves, MMAS
Mónica Cruz, MML
Nelson Vaquinhas, AMLLE

Nuno Beja, MMF
Nuno Teixeira, MMF
Paula Guerreiro, MML
Paulo Alves, MNA
Pedro Barros, DGPC/DBC
Rita Moreira, CML
Rita Tomás, MML
Rita Vaza, MML
Rui de Almeida, MML
Salvador Batista, MNA
Soraia Martins, MML
Tatiana Bina, UAL

Fotografia

Alexandra Pires, MML
Ana Margarida Arruda, FLUL/UNIARQ
Antonietta Canteiro, MML
Catarina Viegas, FLUL/UNIARQ
Cristina Oliveira, CMP
Dennis Graen, UJ
Eastern Atlas GmbH & Co.
Felix Teichner, UM
Helena Catarino, FLUC
Helga Seródio, MML
Hugo Pires, CEUAU/UP
Isabel Luzia, MML
Janine Lancha, CMP
José Pessoa, DGPC
José Paulo Ruas, DGPC/ADF
Luísa Oliveira, DGPC/ADF
Martino Correia, CEAAP/FLUC
Paulo Alves, MNA
Pedro Barros, DGPC/DBC
Rui Roberto de Almeida, MML
Victor S. Gonçalves, FLUL/UNIARQ

Ilustração

André Pereira
Eastern Atlas GmbH & Co.
Guida Casella
Joana Bruno
José Luís Madeira, IA/FLUC
Martino Correia, CEAAP/FLUC
Rui Roberto de Almeida, MML

Revisão de textos

Jean-Yves Blot
Maria Amélia Fernandes, MNA
Rui Roberto de Almeida, MML

Tradução INPOKULIS Jean-Yves Blot Linda Pereira Victor S. Gonçalves, FLUL/UNIARQ	Audioguias YourPodcast Audiodescrição AR Produções, L. ^{da}	Lubélia Gonçalves, ML Luís Romão, CML Marco Fernandes Margarida Luzia Maria Catarina Coelho, DGPC/DBC Miguel Guerreiro, CML Olimpio Almeida, CML	[LMD] Luís Miguel Duarte, FLUP e CITCEM [MB] Macarena Bustamante, UG [MFB] Maria Filomena Lopes de Barros, UE/CIDEHUS [MJM] Maria José Merchán García [MMS] Miguel Metelo de Seixas, IEM e CHAM, FCSH/UNL [NCD] Noé Conejo Delgado, US [OM] Octávio Mateus, FCT/UNL [PB] Pedro Barros, DGPC/DBC [RRA] Rui Roberto de Almeida, MML e UNIARQ [RB] Rute Branco, UALG [SM] Samuel Melro, DRC Alentejo e UNIARQ [SE] Susana Estrela, FCT e UNIARQ [SGM] Susana Gomez Martínez, CAM e CEAACP/FLUC [VSG] Victor S. Gonçalves, FLUL/UNIARQ
Entidades emprestadoras Arquivo Municipal de Loulé Casa do Povo de Alte Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa Museu da Lourinhã Museu e Estação Arqueológica Cerro da Vila, Vilamoura World Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira Museu Municipal de Arqueologia de Silves Museu Municipal de Faro Museu Municipal de Loulé Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz UNIARQ – Faculdade de Letras/ Universidade de Lisboa Universidade do Algarve	Iluminação OmniceL, Técnicas de Iluminação, S. A. Comunicação Helena Marteleira, Wake Up! Comunicação Nadia Sales Grade, Wake Up! Comunicação Rita Torcato, Wake Up! Comunicação Serviço educativo Alexandra Pires, MML Bruno Lopes, MNA Carlos Diniz, MNA Carolina Coelho, MML Maria Filomena Barata, MNA Maria José Albuquerque, MNA Mário Antas, MNA Ricardina Inácio, MML	CATÁLOGO Coordenação editorial António Carvalho, MNA Lívia Cristina Coito, MNA Rui Roberto de Almeida, MML Susana Toureiro, INCM Autores [AS] Adolfo Silveira, MNA [AP] Alexandra Pires, MML [AG] Amílcar Guerra, FLUL/UNIARQ [ACS] Ana Catarina Sousa, FLUL/UNIARQ [AMA] Ana Margarida Arruda, FLUL/UNIARQ [APP] Ana Pajuelo Pando, US [APr] Ana Pratas, MEACV/VW [AR-P] Ana Ramos-Pereira, IGOT-UL [AA] Andreia Arezes, FLUP, CITCEM [CVF] Carla Varela Fernandes, IHA/ FCSH-UNL e FCT [CF] Carlos Fabião, FLUL/UNIARQ [CO] Carlos Oliveira, UNIARQ [CP] Carlos Pereira, UNIARQ, MC e FCT [CV] Catarina Viegas, FLUL/UNIARQ [EF] Edgar Fernandes, FCT e UB [FT] Felix Teichner, UM [FH] Filipe Henriques, MEACV/VW [GMS] Gonçalo Melo da Silva, IEM/UALG [HC] Helena Catarino, FLUC [HGC] Horacio González Cesteros, ÖAI [HC] Hugo Campos, ML [IL] Isabel Luzia, MML [JLF] João Luís Fontes, IEM/UALG [JPB] João Pedro Bernardes, UA e CEAACP/FL/UC [JRM] Joaquim Romero Magalhães, FLUC [Jd'E] José d'Encarnação, FLUC [JMVG] José Manuel Vargas Girón, UCA [LJ] Lídia Jorge [LFO] Luís Filipe Oliveira, IEM/UALG	[LMD] Luís Miguel Duarte, FLUP e CITCEM [MB] Macarena Bustamante, UG [MFB] Maria Filomena Lopes de Barros, UE/CIDEHUS [MJM] Maria José Merchán García [MMS] Miguel Metelo de Seixas, IEM e CHAM, FCSH/UNL [NCD] Noé Conejo Delgado, US [OM] Octávio Mateus, FCT/UNL [PB] Pedro Barros, DGPC/DBC [RRA] Rui Roberto de Almeida, MML e UNIARQ [RB] Rute Branco, UALG [SM] Samuel Melro, DRC Alentejo e UNIARQ [SE] Susana Estrela, FCT e UNIARQ [SGM] Susana Gomez Martínez, CAM e CEAACP/FLUC [VSG] Victor S. Gonçalves, FLUL/UNIARQ Revisão de textos Lívia Cristina Coito, MNA Maria José Godinho Revisão bibliográfica Lívia Cristina Coito, MNA Revisão da paginação Rui Roberto de Almeida, MML Fotografias e imagens Catarina Viegas, FLUL/UNIARQ Dennis Graen, UJ Felix Teichner, UM Guida Casella Helena Catarino, FLUC Helga Seródio, MML Hugo Pires, UP Isabel Luzia, MML José Paulo Ruas, DGPC/ADF José Pessoa, DGPC Luísa Oliveira, DGPC/ADF Maria Bicker Martino Correia, FLUC Paula Bívar Pedro Barros, DGPC/DBC Pedro Saraiva Raquel Costa Rui Roberto de Almeida, MML Susana Leal, MML Victor S. Gonçalves, UNIARQ/FLUL
Seguradora Lusitania, Companhia de Seguros, S. A. Seguradora oficial e mecenas institucional da Direção-Geral do Património Cultural	Secretariado e gestão financeira Adília Antunes, MNA Diogo Fonseca, CML Maria do Céu Araújo, MNA Paula Nunes, CML Teresa Estima, CML		
Transporte de bens culturais ARTSHUTTLE Câmara Municipal de Loulé JG Benedito	AGRADECIMENTOS Adília Alarcão Ana Matos Lima, CML Ana Resende Associação dos Arqueólogos Portugueses/Museu Arqueológico do Carmo Carla Tomás Catarina Martins, CML Cristina Oliveira, CMP David Floro, CML Dennis Graen, UJ Eduardo Rosário, CML Janine Lancha, CMP João Piedade, CML José Carlos Kullberg, FCT-UNL José Lores, CML Júlio Sousa, CML		
Projeto de comunicação e design gráfico FBA./António Silva			
Produção gráfica Gráfica Comercial – Arnaldo Matos Pereira, L. ^{da} Demetro a Metro, L. ^{da}			
Animação digital FBA.			
QR Codes Adolfo Silveira, MNA Carlos Diniz, MNA Mário Antas, MNA Rui Roberto de Almeida, MML			

Design gráfico
FBA./António Silva

Pré-impressão e impressão
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
(INCM)

ISBN
978-972-27-2572-9 (INCM)
978-972-776-514-0 (DGPC)

Depósito legal
427670/17

Edição n.º 1021854
Impresso em dezembro 2017

Todos os direitos reservados
ao abrigo do código dos direitos
de autor e direitos conexos.

ÍNDICE

9	APRESENTAÇÃO	24	LOULÉ. O LUGAR	198	III. PROTO-HISTÓRIA O MUNDO PROTO-HISTÓRICO E O ADVENTO DA ESCRITA
14	RAZÕES DE SER DE UMA EXPOSIÇÃO	26	À NOSSA PASSAGEM. TERRAS DE LOULÉ Lídia Jorge	200	A IDADE DO BRONZE NO CONCELHO DE LOULÉ Carlos Oliveira, Pedro Barros, Samuel Melro e Susana Estrela
		28	LOULÉ EM VISTA RASANTE. DAS ORIGENS A 1950 Joaquim Romero Magalhães	210	FICHAS DE CATÁLOGO
		34	PARA A HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA DE LOULÉ Carlos Fabião	220	A IDADE DO FERRO NO CONCELHO DE LOULÉ (FARO, ALGARVE, PORTUGAL) Ana Margarida Arruda
		42	I. TERRITÓRIO	226	NAS ORIGENS DA ESCRITA: OS MONUMENTOS EPIGRÁFICOS COM ESCRITA DO SUDOESTE Amílcar Guerra
		50	TERRITÓRIOS DE LOULÉ Ana Ramos-Pereira	238	NA DESCOBERTA DAS ESTELAS EPIGRAFADAS DE LOULÉ Pedro Barros, Samuel Melro e Susana Estrela
		58	II. PRÉ-HISTÓRIA: AS ANTIGAS SOCIEDADES CAMPONESAS	246	AS ENTIDADES ÉTNICAS DO MUNDO PRÉ-ROMANO Amílcar Guerra
		60	SERRA E MAR. AS ANTIGAS SOCIEDADES CAMPONESAS EM LOULÉ (ALGARVE) Victor S. Gonçalves e Ana Catarina Sousa	252	FICHAS DE CATÁLOGO
		148	FICHAS DE CATÁLOGO		

- 264** IV. ÉPOCA ROMANA
O MUNDO ROMANO. UM TERRITÓRIO ENTRE CIDADES
- 266 LOULÉ ROMANA: UM TERRITÓRIO ENTRE CIDADES
Catarina Viegas
- 278 O ESTABELECIMENTO PORTUÁRIO DO CERRO DA VILA (VILAMOURA): DE AGLOMERADO ROMANO A ALDEIA ISLÂMICA
Felix Teichner
- 292 AS OCUPAÇÕES ANTIGAS DA QUINTA DO LAGO (ALMANSIL, LOULÉ)
Ana Margarida Arruda
- 302 MUNDO FUNERÁRIO ROMANO NO TERRITÓRIO DE LOULÉ
Carlos Pereira
- 312 DOS MONUMENTOS EPIGRÁFICOS ROMANOS DE LOULÉ
José d'Encarnação
- 318 APROXIMACIÓN A LA CIRCULACIÓN MONETARIA DEL CONCEJO DE LOULÉ EN ÉPOCA ROMANA
Noé Conejo Delgado
- 324 A FAUNA MALACOLÓGICA DO CERRO DA VILA
Filipe Henriques e Ana Pratas
- 328 FICHAS DE CATÁLOGO
- 410** V. ANTIGUIDADE TARDIA
DA AFIRMAÇÃO DO CRISTIANISMO À UNIFICAÇÃO VISIGODA
- 412 LOULÉ NA ANTIGUIDADE TARDIA: A CRISTIANIZAÇÃO E O MUNDO RURAL ROMANO EM TRANSFORMAÇÃO
João Pedro Bernardes
- 418 O MUNDO FUNERÁRIO VISIGÓTICO NO TERRITÓRIO LOULETANO: SÍTIOS, PRÁTICAS E MATERIAIS
Andreia Arezes
- 428 FICHAS DE CATÁLOGO
- 448** VI. ÉPOCA ISLÂMICA
DO *GHARB* AO ALGARVE: CINCO SÉCULOS DE ISLÃO
- 450 O ATUAL TERRITÓRIO DE LOULÉ NO PERÍODO ISLÂMICO
Helena Catarino
- 464 *AL-'ULYÀ*, A CIDADE ISLÂMICA
Isabel Luzia e Alexandra Pires
- 480 O CASTELO DE SALIR: UM DISTRITO RURAL (*HISN* E *QARYA*) ISLÂMICO DE *OCSONOBA*
Helena Catarino
- 494 AS NECRÓPOLES ISLÂMICAS DE LOULÉ
Alexandra Pires e Isabel Luzia
- 504 FICHAS DE CATÁLOGO
- 572** VII. ÉPOCA MEDIEVAL
DO ISLÃO À CRISTANDADE
- 574 A CONQUISTA E A SOBERANIA DO ALGARVE
Luís Filipe Oliveira
- 582 UM ESPAÇO ENTRE PODERES: O REI, O CONCELHO, A IGREJA
João Luís Fontes e Gonçalo Melo da Silva
- 590 ORDENAR O POVOAMENTO E A VIZINHANÇA: MUÇULMANOS, CRISTÃOS E JUDEUS
Maria Filomena Lopes de Barros
- 598 FIGOS DA TERRA E TRIGO DO MAR
Luís Miguel Duarte
- 608 FICHAS DE CATÁLOGO
- 628** IDENTIDADES
- 630 A FELICIDADE DE CONHECER OS GUARDIÕES DA IDENTIDADE DE LOULÉ
Pedro Barros
- 650** ANTES DO HOMEM
- 652 LOULÉ HÁ MAIS DE 220 MILHÕES DE ANOS: OS VERTEBRADOS FÓSSEIS DO ALGARVE TRIÁSICO
Octávio Mateus e Hugo Campos

IV. ÉPOCA ROMANA O MUNDO ROMANO. UM TERRITÓRIO ENTRE CIDADES

Em finais do séc. II a. C. o Algarve integrou o Império romano. Com a criação da província da *Lusitania* (16-13 a. C.) reforçou-se a estrutura política e administrativa, baseada em capitais de *civitates* como *Balsa* (Torre de Ares, Tavira) e *Ossonoba* (Faro). O concelho de Loulé inclui-se no território desta última. A via romana, que ligava os principais núcleos urbanos, teve uma função estruturante.

Pontuavam a região casais agrícolas, casas rurais de maiores dimensões (*villae*) ou aldeias (*vicus*), muitas das quais exploravam recursos marinhos. O seu desenvolvimento intensificou-se sobretudo a partir do século III, e sítios como Cerro da Vila (Vilamoura) chegaram a transformar-se em pequenas «cidades».

Além da exploração dos recursos marinhos, de que os preparados piscícolas transportados em ânforas são um excelente exemplo, desenvolveram-se outras atividades, como a agricultura e a mineração, ou a produção artesanal, como a tecelagem.

O território de Loulé integrava-se plenamente na vasta rede comercial do Império Romano, como comprovam as ânforas, que transportavam alimentos, e outras cerâmicas provenientes da vizinha Bética (atual Andaluzia), da Península Itálica, da Gália, mas também do Norte de África ou do Mediterrâneo oriental.



DOS MONUMENTOS EPIGRÁFICOS ROMANOS DE LOULÉ

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Mesmo que atribuamos a Apra os dois altares identificados em reutilização na igreja de São Romão, de S. Brás de Alportel, não chegam à dezena e são, na sua maioria, fragmentários os monumentos epigráficos romanos identificados no território do atual município de Loulé.

Explicarão os arqueólogos, melhor que eu, as razões dessa escassez. Em todo o caso, na recente mesa-redonda sobre a Lusitânia romana, realizada em Madrid (29/30-09-2016), o Doutor João Pedro Bernardes explicou, na síntese que teve a gentileza de me enviar, que, após um período longo em que o litoral mereceu maior atenção – tal como aconteceu com o fenómeno turístico –, agora também o Barrocal e, até, a Serra estão a ser percorridos com outros olhares. Cito:

«Apresentam-se dados estatísticos desde o século XIX até 2016 relativos aos sítios romanos, destacando-se o *boom* a partir da segunda metade da década de 90 do século passado até 2016 (de 240 para 570 sítios) ainda que a partir de 2006 o ritmo de crescimento tenha abrandado (456 em 2006 para os tais 570 em 2016).

Este ritmo foi sendo acompanhado pelo crescimento do número de arqueólogos municipais nos 14 concelhos do Algarve que os têm (de 4 em 1995 para 23 nos dias de hoje), que trabalham frequentemente em rede no quadro da mais ou menos informal rede de museus do Algarve.

Realçou-se a importância de exposições de arqueologia, de encontros científicos, como os Encontros de Arqueologia do Algarve, e ainda dos catálogos e publicações associadas, para mitigar os efeitos de arqueologia de contrato, dando a conhecer através

desses eventos muita da realidade arqueológica que foi sendo exumada e guardada nos depósitos».

O factor geográfico terá, sem dúvida, exercido também primordial importância: a Serra não se prestava à fixação humana: a estreita planície (aliás, fértil) que vem desde S. Brás, encaixada entre dois serros, seria mais local de passagem que de permanência. E, atendendo a que mais de metade das epígrafes (5 num total de 8) são votivas, seríamos até tentados a pensar que por ali interessava mais invocar os deuses que estabelecer moradia – escassos eram os recursos e não particularmente convidativas as condições climatéricas ao longo do ano. Apra terá sido – e a Arqueologia demonstrá-lo-á, decerto – o local propício para uma instalação mais duradoura. O topónimo Torre d'Apra, sabe-se, pode radicar em *turris*, designação comum para *villa*. Foi por ausência de significativos vestígios da ocupação romana no território da minha terra natal que, embora a contragosto, avantei a hipótese de terem ido de Apra para a construção da igreja de S. Romão os dois imponentes altares funerários (IRCP 64 e 67), sabido, como é, que, sendo de mui antiga tradição o culto a este santo, ainda haveria construções de pé na *villa* d'Apra quando o templo começou a construir-se. Foi Borges de Figueiredo quem os deu a conhecer, atribuindo-os, porém, ao lugar de S. Martinho, do concelho de Faro. Em informação a Hübner, Estácio da Veiga confirmaria, no entanto, o local de identificação, quando disse que um deles servira de «pedestal do púlpito da ermida». Dessa eventual proveniência «alheia» não resultará desdouro para S. Brás nem particular regalia para Loulé, cientes – como estamos – de que todo esse território estaria integrado no *ager Ossonobensis*. Estranhar-se-á, porventura, que os descendentes de *Caecilia Marina*, ao

2. QUE DIVINDADES?

Fonteius Philomusus mandou erigir dois altares. Num, a divindade vem identificada pelas siglas D · S · seguidas de um segundo S, que não vejo motivo para não se desdobrar em *S(acrum)*, como é hábito: a consagração confere ao monumento, por mais insignificante que seja, e ao local onde se ergue, um carácter sagrado, a impor respeito e a cominar de sacrílego quem o violar.

A dúvida – nossa, atual, que não a de então – prende-se com o significado das siglas, para que já houve propostas diversas, sempre tendo em conta ser dos raros monumentos que ostentam lateralmente símbolos atribuíveis a uma divindade guerreira ou, preferentemente, caçadora (o arco de um lado e a aljava do outro). Assim, de imediato nos surge a hipótese de o D significar *D(ianae)*, «à Diana». Não seria possibilidade descabida:

1.º) Porque a caça sempre foi bom complemento para a dieta alimentar e, concomitantemente, excelente exercício para testar a agilidade de homens e de animais. Não admira, por isso, que cenas de caça estejam representadas em mosaicos e, até, em baixos-relevos funerários (Encarnação, 2012), um tema vívido desde os tempos das gravuras rupestres paleolíticas aos azulejos palacianos do século XIX.

2.º) Porque, embora não seja uma divindade com muitos testemunhos na Lusitânia (Castelo Branco, 1959), é sintomática a sua presença algures nos arredores de Silves, numa modestíssima árula, onde apenas se lê *Dianae sacrum* (IRCP 57); e, por outro lado, natural se tornaria a sua invocação antes de se partir para uma caçada ou, no regresso dela, a oferta duma libação em ação de graças pelos troféus obtidos.

3.º) Porque o S seguinte é, mui verosimilmente, passível de se desdobrar em *S(anctae)* ou *S(ilvestri)*.

Do ponto de vista estritamente epigráfico – e dado que estamos em ambiente culto e ilustrado – afigura-se-me haver mais probabilidades de o D ser a sigla de *D(eae)* ou *D(eo)*, atributo amiúde usado para acentuar o carácter divino do nome seguinte. Nessa ordem de ideias, S deveria ser a sigla de uma divindade relacionável com as artes venatórias; por isso, a proposta *S(ilvano)*, divindade dos bosques, teria sentido: *D(eo) S(ilvano) S(acrum)*, inclusive porque se registam, na epigrafia peninsular, cerca de uma vintena de ex-votos a Silvano, amiúde precedido do atributo *deo* e – importa frisá-lo – na árula achada em Serros Altos, Albufeira (IRCP 61), volta a surgir a divindade identificada por uma sigla, o S precisamente, e, aí, a hipótese de se ler *S(ilvano)* ganha consistência, inclusive

pensarem no texto do epitáfio da sua avó (Marina faleceu aos 85 anos), tivessem querido acentuar que da cidade de *Ossonoba* era originária a sua família. Precusores de um olhar, finalmente, para as potencialidades do Barrocal, quando, até aí, os *Caecilii* se teriam preocupado mais com a atividade comercial e, para a subsistência diária, lhes houvessem bastado as várzeas que da ria se estendem para o interior, fáceis de agricultar até aos primeiros contrafortes das colinas, onde se fixaram os senhores de Milreu? Não me custa acreditar que sim, até porque o requinte do seu altar funerário, clássica e modelarmente decorado por rebaixamento com pátera, vaso de libações e crescente lunar, denuncia não escondida abastança.

Desses dois altares achados em S. Romão, também por ao sítio me ligarem as (sempre fundas) raízes do nascimento, já tive ocasião de sobejamente escrever (Encarnação, 2006).

Do fragmento para que propus a leitura TROPHIME acabei por gizar uma história (Encarnação, 2001-2002), forma que encontrei de englobar esta porção do Barrocal na influência de *Ossonoba*.

Como deu a entender João Pedro Bernardes, é bem natural que mais epígrafes nos ajudem a penetrar no âmago dos romanos aqui instalados. Das famílias conhecemos um *Fonteius*, um *Paccius*... De eventual onomástica indígena nem rasto até agora e os três *cognomina* de leitura garantida – *Philomusus*, *Trophime* e *Fronto* – sugerem uma população ilustrada, que conhece a mitologia, que faz gala em exhibir a graciosidade da nomenclatura oriental, não porque necessariamente de lá tenha provindo, mas por razões de moda em ambientes de certa cultura, aqui demonstrada também pelo uso correto dos formulários latinos correntes.

devido à decoração lateral do monumento: dum lado, um punhal e, do outro, uma cabra.

Esta é, porém, conceda-se, uma discussão meramente académica:

1.º) Porque só se poderá chegar a uma conclusão se, nas proximidades, vier a ser descoberta outra ara em que o nome da divindade venha por extenso ou, pelo menos, mais compreensível;

2.º) Nada muda de significativo, de ponto de vista histórico-cultural, uma vez que, de certo modo, se equivalem os atributos de Diana e Silvano;

3.º) Porque, quer num caso quer noutra, estamos perante a manifestação de culto a uma divindade romana – e este, sim, é um aspeto relevante, por nos dar conta de uma população de onomástica etimologicamente latina a prestar culto a divindades romanas.

E, neste ponto, importará referir que a inscrição onde *Paccius Fronto* figura como dedicante (IRCP 62) poderá ter sido consagrada (SACRVM lê-se claramente na linha 2) ao deus Marte ou aos Lares: [M]AR[TI]ve[]L[.]AR[.]IBVS]. Anote-se que é um texto gracioso e de grande regularidade, de caracteres mui bem delineados, a denotar um lapicida sabedor, que, inclusive, delimitou inferiormente o campo epigráfico com um filete, não nos sendo possível, devido aos maus tratos que a pedra aí sofreu, sugerir a hipótese de a fórmula votiva final ter sido gravada sob esse filete.

3. A «OUTRA» EPÍGRAFE

Fonteius Philomusus mandou gravar outra epígrafe, que se achou no sítio da Retorta, Boliqueime, enquanto a primeira se reaproveitara na torre da igreja matriz de S. Clemente.

Só que – não sabemos, por enquanto, em que época, mas poderia ter sido nos primórdios da monarquia portuguesa, após a conquista do Algarve aos Mouros – alguém martelou as duas primeiras linhas e aí escreveu HIC / ALFON, cujo verdadeiro significado também se desconhece.

Não creio, francamente, que tenha havido uma reutilização como lápide funerária: «Aqui (jaz) Afonso». Inegável é que se conhecia o latim (aproveitou-se a sílaba final de *Philomusus* para escrever *Alfonsus*) e se sabia que *hic* era um advérbio e não um pronome demonstrativo. Não se ignorou, todavia, o resto do texto, ao que parece, porque, para o segundo utilizador da lápide, poderia haver um novo sentido: «Aqui Afonso, por voto, pôs de livre vontade». Terá com-

preendido que o formulário se enquadrava num âmbito religioso? Não grafou *Alphonsus* – com Ph – mas talvez percebesse um pouco de latim, uma vez que em latim ainda se escrevia nos séculos XII e XIII.

E se se tratar da reutilização da pedra como marco delimitativo de propriedade? Viável, esta interpretação? Teoricamente, sim; na prática, para a comprovar seria preciso conhecer exatamente o local onde a ara, de 64 cm de altura, foi encontrada e em que posição (se marco, deveria estar na vertical) e, seguidamente, lograr, em mui laboriosa – e eu diria impossível... – pesquisa nos registos prediais, sem, no entanto, termos a menor ideia de em que época terá vivido este Afonso proprietário (entre tantos que em Loulé existiriam), que, para nosso sossego, bem podia ter mandado gravar o seu nome na face posterior da epígrafe e não nos causaria tantos problemas assim!...

Pela total equivalência paleográfica, não se tem posto em dúvida a identidade do primitivo dedicante, *Fonteius Philomusus*, nem que ambos os monumentos saíram da mesma oficina. Perguntar-se-á, no entanto, se o ex-voto teria sido colocado à mesma divindade. Ainda que se registre no mundo romano repetição de ex-votos, no mesmo local ou em locais diferentes, o mais normal é o mesmo dedicante prestar culto a mais do que uma divindade. Veja-se o bem conhecido exemplo de *Caius Cantius Modestinus*, eventual cidadão igaeditano, que mandou erigir tempêtes a Marte, a Vénus, a Vitória e ao Génio do Município (Mantas, 1992 e 2002). Sintomático é igualmente o caso de *C. Caesius Sabinus* que, em Sarsina (Itália), mandou lavar, pelo menos, seis estátuas para serem colocadas no santuário urbano que ele próprio certamente mandou edificar e só numa base – a consagrada *Deis Publicis* – se identifica por extenso; nas outras, dedicadas a Apolo, Júpiter Ótimo Máximo, Minerva e *Spes* (na sexta desapareceu o nome da divindade), o seu nome vem em siglas C · C · S (Susini, 1985, p. 40-43).

4. AS PESSOAS

O que de muito aliciante, do ponto de vista histórico, nos trazem as epígrafes romanas é a identificação dos personagens nelas intervenientes. E o epígrafista não resiste, por conseguinte, a tentar saber algo mais.

No caso, por exemplo, do *Fonteius Philomusus*: haverá muitos *Fontei* na Hispânia romana? Claro que não poderemos, sem mais, admitir relações de parentesco, ainda que, em determinadas circunstâncias, tal hipóte-

se se possa arriscar. E *Philomusus*? *Philomusus* é nome pessoal; liberto, mui provavelmente de uma *gens Fonteia*, mantivera o nome de escravo: φιλόμουσος, em grego. Dele, haja muitas ou haja poucas pessoas com esse nome (e há muitas!...), somente se poderá dizer que patenteia o bom gosto dos seus senhores (*domini*), uma vez que significa, à letra, «o amante das musas», «o culto». E se o nome foi dado expressamente pelas qualidades que o escravo demonstrara, seríamos tentados a afirmar que poderíamos estar, de facto, perante um homem ilustrado, quiçá um poeta ou músico ou preceptor das crianças da família.

A pesquisa sobre a ocorrência de *Fontei* na Hispânia aponta, neste momento, para a seguinte conclusão, com base nos dados colhidos em HEpOL: dos 14 testemunhos, sobressai a presença de quatro notáveis em Tarragona, um deles, *L. Fonteius Maternus Novatianus*, com duas homenagens, chegou a ser flâmine da Província da Hispânia Citerior e foi galardoado com a ordem dos cavaleiros (*exornatus equo publico*); e de outros quatro em Valência, predominantemente libertos.

Torna-se, por isso, aliciente sublinhar, com mais este argumento, a conhecida ligação da costa meridional da Lusitânia (atlântica) com a orla marítima da Hispânia Citerior, mediterrânica (Mantas, 1998 e 2005). No conjunto dos testemunhos epigráficos do Império Romano, haverá cerca de 3000 testemunhos da ocorrência de *Fonteius*, um pouco por todo o lado.

Quanto a *Paccius*, além dos outros dois exemplos do *conventus Pacensis* – *Lucius Paccius Marcianus*, que foi um dos curadores da homenagem a Tito Rútílio Tusciliano, da vizinha Balsa (IRCP 80), e *Paccia Lepidina*, de Tróia (IRCP 219) – há apenas uma dezena de exemplos peninsulares, não significativos.

Apenas nos falta falar do *cognomen Fronto*: é de origem latina e extremamente frequente (mais de mil testemunhos), porque detém um significado concreto: «o de testa grande».

5. CONCLUSÃO

Já tive ocasião de salientar o significativo grau de cultura que, apesar de mui escassas, as epígrafes romanas achadas no território de Loulé denunciam.

E, nesse aspeto, o levantamento fotogramétrico e cálculo do MRM, realizado por Hugo Pires, da Universidade do Porto, ao permitir avançar numa nova proposta de leitura do notável texto tão desgastado da Quinta do Freixo (Benafim), confirma cabalmente essa afirmação (fig. 1).



Assim, é-nos agora possível propor uma nova leitura – ainda que assaz provisória e problemática – com base, de modo especial, na figura que se apresenta:

[...] [?] / ODA [?] [...] RIAE [...] / QVAE VIXIT ANNIS XXI
(*uno et viginti*) MEN/SIB(us) · II (*duobus*) DIEB(us) XI
(*undecim*) POSTVMVS [?] / VXORI MERENTISS(*imae*)
PRIMAE / ⁵ IVENTVTIS FORMA DECOR(A) / AD-
Q(ue) PRAECELENS POST[...] [?] / [...]COS PERIT [...] /
PVELLAM QVA[...] [...] / SIBI SIMILEM PRO{N} NOMEN //
H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis) ·

A [...], que viveu 21 anos, 2 meses, 11 dias – Póstumo (?) à esposa de elevado mérito. Ornada com a forma da primeira juventude e eminente [...] menina [...] semelhante a si. [?]. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

Fig. 1 – Inscrição da Quinta do Freixo (Benafim) cat. 176. Levantamento fotogramétrico e cálculo do MRM realizado por Hugo Pires (Universidade do Porto).

Compreende-se a dor de Póstumo perante a morte prematura de sua mulher, cujo nome figurava nas linhas superiores destruídas e cuja idade vem, por isso, especificada em anos, meses e dias, um tópico que é, aliás, corrente na epigrafia da vizinha Quinta de Marim (Olhão). Pode ser que o lamento em relação a essa dolorosa precocidade esteja também exarado a seguir a *praecellens*, atendendo ao facto de nos parecer ler *perit* [?] – por *perit* [?], «pereceu» (?) – e à ocorrência da palavra *puella*, considerando-a, portanto, uma jovem. A seguir à indicação do nome, idade e parentesco da defunta, e a dedicatória (*uxori merentissimae*) começa outra oração, que contém um elogio fúnebre com os tópicos habituais para a mulher: *primae iuventutis forma decora, praecellens...* Por outro lado, *sibi similem* parece vir na sequência de *puellam* e seria tentador ler aí algo como «não existiu jovem semelhante a ela». Contudo, Rocío Carande tem uma outra sugestão: «La *puellam sibi similem* de l. 8-9 creo que es una hija que dejó la difunta», que, por conseguinte, seria a imagem da mãe.

A convicção – desde logo afastada por Gómez Pallarés – de que não se trata de um poema funerário volta agora a ser considerada pela Professora Rocío Carande, que escreveu:

«La expresión *primae iuventutis formae... praecellens* es bastante rebuscada, lo que hace sospechar que pueda haber versos. Hay una inscripción de Túnez, CLE 1240, con una secuencia parecida, aunque elogiando a un hombre: *studi(i)s praecellens forma[q(ue)] / decorus*.

Creo que lo que se aprecia es susceptible de encajar en hexámetros dactílicos, aunque con algunos problemas de prosodia (abreviación de *ae*) que no son raros en los ss. II-III, y desde luego sin separación alguna del texto anterior en prosa. La parte métrica comenzaría en *primae*.»

O final PRONNOMEN resulta estranho e de difícil explicação. C. Fernández sugere uma leitura *pro{n} nomen*, eliminando um dos NN, podendo assim estabelecer-se uma relação entre o nome da defunta e o do marido («parecida a ele pelo seu nome»). Não há, contudo, paralelos que validem essa proposta. Por isso – e atendendo sobretudo à presença dos dois NN), em AE 2008, 637, se opta por colocar a hipótese de se tratar de uma regravação, o que, tendo em conta que as características paleográficas das letras são, em tudo, semelhantes às do resto da epígrafe, não me parece aceitável.

Nem tudo ficou esclarecido, como se desejaria, na interpretação desta invulgar epígrafe. Uma conclusão, no entanto, é segura: a sua extensão e estrutura extravasam o epitáfio habitual e permitem pô-lo em paralelo com outros em que o marido tece múltiplos elogios à esposa falecida¹. E tal característica não deixa de ser verdadeiramente invulgar. E confirma-se, pelo menos no que aos monumentos epigráficos diz respeito, o elevado grau de cultura dos romanos que viveram no território do atual concelho de Loulé.

O tipo de letra utilizado e a abundância de adjetivos levam-me a sugerir que este monumento deva datar-se da segunda metade do século II da nossa era².

NOTAS

1. A Prof.^a Concha Fernández recordou, a título de exemplo, a inscrição de África CIL VIII 11 294, em que o marido diz de *Postumia Matronilla* que ela teve, entre outras qualidades, as de ser *incomparabilis coniux, mater bona, avia piissima, pudica, religiosa, laboriosa...*

2. Tive ocasião de recorrer, por sugestão do Prof. Juan Manuel Abascal, a Concha Fernández, professora catedrática de Latim da Universidade de Sevilha, que, por sua vez, entrou em contacto com uma sua colega, Rocío Carande, da mesma universidade. Ambas se entusiasmaram com o texto e me deram preciosas sugestões, de tal modo que, na realidade, posso considerar a leitura e interpretação ora apresentadas, ainda que, com algum carácter provisório, como fruto da troca de impressões entre nós os três. Às professoras Concha e Rocío devo, pois, os meus maiores agradecimentos: sem o seu apoio, não teria conseguido chegar aqui; e também por isso lhes lancei o repto de, com mais tempo, virem a preparar por escrito a reflexão pormenorizada que o texto merece, na certeza de que o resultado dessa reflexão terá pronta aceitação nas páginas do Boletim Cultural da Câmara Municipal de Loulé, a prestigiada revista *Al-'Ulyà*. Agradeço também a Hugo Pires as fotografias que nos proporcionou, sem as quais não poderíamos ter chegado sequer a esta proposta de interpretação, mais fundamentada.

BIBLIOGRAFIA

BERNARDES, J. P. (no prelo) – O Sul da Lusitânia Romana nos últimos 25 anos: avanços e novas perspectivas de investigação. In *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación*. Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana, 9, Madrid, 2016.

CASTELO BRANCO, F. (1959) – Vestígios do culto de Diana em Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 69, p. 5-18.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2001-2002) – A história de uma escrava romana. *Al-'Ulyà*. Loulé. 8, p. 23-33.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2006) – *Cecília Marina, Ossonobense*. Lisboa: Apenas Livros.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2008) – Epígrafes romanas de Loulé – histórias antigas por desvendar! *Al-'Ulyà*. Loulé. 12, p. 23-33.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2012) – O singular monumento funerário romano de Soure (*Conventus Scallabitanus*). *Espacio, Tiempo y Forma*. [Em linha]. S. II, 25, p. 245-260. Disponível em WWW:<URL:http://hdl.handle.net/10316/21674>.

ENCARNAÇÃO, J. d' e GONÇALVES, M. J. (2008) – Ara funerária da Quinta do Freixo (Benafrim, Loulé) [Em linha]. *Xelb*. Silves: Câmara Municipal. 8, vol. II, p. 109-115. Disponível em WWW:<URL:http://hdl.handle.net/10316/10508>.

HEpOL [*Hispania Epigraphica on line*] – <http://eda-bea.es/>.

IRCP = ENCARNAÇÃO, J. d' (2013) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. Disponível em WWW:<URL: <http://hdl.handle.net/10316/578>>.

MANTAS, V. (1992) – Evergetismo e culto oficial: O construtor de templos C. *Cantius Modestinus. Religio Deorum*. Barcelona. p. 239-249.

MANTAS, V. (1998) – Navegação, economia e relações interprovinciais: Lusitânia e Bética. *Humanitas*. Coimbra. 50, p. 199-239.

MANTAS, V. (2002) – C. *Cantius Modestinus* e os seus templos. In RIBEIRO, J. C., com. cient. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 231-234. Catálogo.

MANTAS, V. (2005) – A Lusitânia e o Mediterrâneo: identidade e diversidade numa província romana. In *Jornadas / Congresso da Revista Arquivo de Beja, 3, Beja, 2000: culturas, identidades e globalização*. Beja. vol. 1, p. 151-167.

SUSINI, G. C. (1985) – Scrittura e produzione culturale: dal dossier romano di Sarsina. In *Cultura epigrafica dell'Appennino: Sarsina, Mevaniola e altri studi*. Faenza: Fratelli Lega Editori. p. 71-139.

Aras funerárias ou votivas

176. Ara funerária

Quinta do Freixo, Querença, Tôr e Benafim
2.ª metade do século II d. C.

42,8 x 33 x 26 cm

Museu Municipal de Arqueologia de Silves
MMAS-00487

Ara funerária romana, de calcário da região, a que, para eventual reutilização, foi amputado o capitel e as primeiras linhas de uma longa inscrição, onde – apesar do desgaste sofrido pela superfície – o levantamento fotogramétrico e cálculo do MRM realizado por Hugo Pires acabou por facilitar a leitura, que não fora possível na primeira abordagem: vislumbra-se amplo elogio do marido à esposa falecida ainda nova.

Note-se o requinte da múltipla molduração e o cuidado posto na paginação, ainda que as fórmulas finais tenham ficado na moldura da base. Trata-se, sem dúvida, de um dos mais notáveis monumentos do seu género na epigrafia romana do Algarve.

Leitura:

[...] [?] / ODA [?] [...] RIAE [...] / QVAE VI-
XIT ANNIS XXI (*uno et viginti*) MEN/SIB(us)
· II (*duobus*) DIEB(us) XI POSTVMVS [?]
/ VXORI MERENTISS(*imae*) PRIMAE / IV-
VENTVTIS FORMA DECOR(A) / ADQ(ue)
PRAECELLENS POST[...] [?] / [...]COS PERIT
[...] / PVELLAM QVA[...] [...] / SIBI SIMILEM
PRO{N} NOMEN // H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) ·
T(ibi) · T(erra) · L(evis) ·

Tradução:

A [...], que viveu 21 anos, 2 meses, 11 dias
– *Postumus* (?) à esposa de elevado mérito.
Ornada com a forma da primeira juventude e eminente [...] menina [...] semelhante a si. [?]. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.
Jd'E

Bibliografia:

Encarnação, Gonçalves, 2008, p. 109-115.



177. Ara votiva

Apra/Torres de Apra, São Clemente

Século II d. C.

55 x 29 x 24 cm

Museu Nacional de Arqueologia

E 6418

Desconhece-se, ao certo, qual poderá ser a divindade a que a ara foi consagrada, porque apenas restam, do teónimo, as letras AR, podendo a palavra reconstituir-se [L]AR(*ibus*), «aos Lares», ou mesmo [M]AR(*ti*), «a Marte». O nome do dedicante é etimologicamente latino, faltando-lhe o *praenomen*: *Paccius Fronto*. Nada sabemos adiantar acerca do seu estatuto social, porque tanto pode ser um indígena romanizado, por ter os *tria nomina* (três nomes), ou um liberto da *gens Paccia*, que se documenta na vizinha Tavira.

Leitura:

[M]AR(*ti*) [?] *vel* [L]AR(*ib*)V(*s*):[?] / SACR-
VM / [...] PACCIVS / [F]RONTO / [L(*ibens*)
A(*nimo*)V(*otum*)S(*olvit*)] [?]

Tradução:

Consagrado a *Marte* (?) ou aos *Lares* (?).
Paccius Fronto [fez o voto de livre vontade]?
Jd'E

Bibliografia:

Figueiredo, 1889, p. 120, n.º 4; IRCP 62.



178. Ara funerária ou votiva

Cerro da Vila, Quarteira

Época romana

50 x 37 x 21 cm

Museu e Estação Arqueológica Cerro da Vila

CV/08/3/1

Anepígrafa.

Apenas o fuste se apresenta intacto e alisado, dando a impressão, à primeira vista, de ser monumento ainda na oficina do canteiro, pronto a receber a inscrição, terminando-se também então, de acordo com o gosto do cliente, o capitel e a base. Mais natural é, no entanto, pelos grandes estragos verificados na base, a atingir a moldura, que capitel e base hajam sido partidos para reutilização como material arquitetónico. O monumento não chegou, porém, a ser epigrafado. Uma terceira hipótese: por se ter partido durante a preparação, o canteiro pô-lo de parte. Em qualquer dos casos, o seu achamento prova a existência de uma oficina no local.

Jd'E





179. Cipo funerário

Capela de São Romão, São Brás de Alportel
Século II d. C.

104 x 47 x 47 cm

Museu Nacional de Arqueologia

E 6402 / 994.47.1

Um dos cipos funerários mais elegantes da região, tendo em conta o preciosismo com que foram esculpidos, em baixo-relevo e numa espécie de nicho cada, o jarro, do lado esquerdo; a pátera, do lado direito; e o crescente, na face posterior.

Trata-se do epitáfio da ossonobense Cecília Marina, que morreu com 85 anos.

Dado que São Romão fica quase na extrema dos atuais limites do concelho de São Brás com o de Loulé e, por conseguinte, relativamente próximo de um sítio – Apra –

onde abundam os vestígios romanos, não é desconsiderável a hipótese de este cipo e o seguinte, encontrados em reutilização no templo, possam ter sido trazidos dali.

A razão de a naturalidade ossonobense de Cecília ter sido expressa prende-se com o facto de ter vivido um tudo-nada afastada daquele centro urbano, onde os seus familiares se dedicariam ao comércio, enquanto ela se retirara para o campo e vivera da agricultura, mas tinha honra em ser ossonobense.



Leitura:

D(is) · M(anibus) · S(acrum) / CAECILIAE / L(ucii) ·
FIL(iae) · MARI/NAE · OSSO/NOB(ensi) · AN/NORVM /
LXXXV (octoginta quinque) / H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) ·
T(ibi) · T(erra) · L(evis)

Bibliografia:

Figueiredo, 1889, p. 120, n.º 9. IRCP 59.
Encarnação, 2015, p. 34-45.

Tradução:

Consagrado aos deuses *Manes*. A *Cecília Marina*, filha
de *Lucius*, ossonobense, de oitenta e cinco anos. Aqui
jaz. Que a terra te seja leve.

Jd'E



180. Ara funerária

Capela de São Romão, São Brás de Alportel
Século II d. C.
82 x 47 x 38,5 cm
Museu Nacional de Arqueologia
E 6388

Leitura:

D(is) M(anibus) S(acrum) / LICINIA / [L(ucii) FIL(ia) · ?][ATA?]/ [...][SMA...IS?] / [ANN(orum)?] [LXV(?)] (sexaginta quinque?) / [H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis)]

Bibliografia:

Figueiredo, 1889, p. 120, n.º 10. IRCP 67.

Epitáfio de reconstituição difícil devido ao mau estado da superfície epigrafada. Deveria ter sido muito trabalhado, pois ostenta ainda, na face lateral esquerda, em relevo, uma coroa de folhas com fitas e corolas. Presume-se, pelo que se consegue ler, que a defunta pertenceria à família romana dos *Licinii*, que estão documentados em *Ossonoba* e em *Balsa*. Poderia ter sido, tal como *Caecilia*, uma das representantes dessa família que decidiu vir viver para o Barrocal.

Tradução:

Consagrado aos deuses *Manes*. Aqui jaz *Licinia* ..., natural de (?)... filha de *Lucius* (?), de sessenta e cinco anos (?). Que a terra te seja leve.

Jd'E

181. Ara votiva

Retorta, Boliqeime

Século II d. C.

64 x 24 x 17 cm

Museu Nacional de Arqueologia

E 6406

Segundo Estácio da Veiga, as três primeiras linhas, onde estava identificada a divindade à qual a árula fora consagrada, terão sido substituídas «por um pintor que pretendeu adaptá-las à sepultura de seu filho», escrevendo lá HIC / ALPHON, que, juntando às letras seguintes, daria o nome de *Alphonsus*, Afonso. Certo é que – baseando-nos em critérios paleográficos – o monumento saiu da mesma oficina do que *Fonteius Philomusus* mandara fazer, pelo que se não tem posto qualquer objeção à reconstituição, aí, do nome desse mesmo dedicante, que utilizou, de resto, a mesma fórmula votiva final. O mais provável é que a divindade honrada não seja a mesma, porque os exemplos que temos apontam mais no sentido de a mesma pessoa manifestar a sua devoção a deuses diferentes.

Leitura:

[...] / [FONTEIVS / PHILOMV] / SVS EX VO / TO ANIMO / LIBENS / POSVIT

Tradução:

(...) *Fonteius Philomusus* colocou de boa vontade, por voto.

Jd'E

Bibliografia:

Figueiredo, 1889, p. 120, n.º 3; IRCP 59.





182. Ara votiva

Loulé – Igreja de São Clemente,
São Clemente

Século II d. C.

78 x 23 x 24 cm

Museu Nacional de Arqueologia

E 6423 / 994.46.1

Deve ter sido altar colocado inicialmente num local de culto bem conhecido, dado que a identificação da divindade a que foi consagrado vem indicada em siglas, o que dificulta a interpretação: uns autores preferem *D(iana)e S(ilvestri)*, outros *D(eo) S(ilvano)*. A inclinação por qualquer destas divindades justifica-se por a ara ter representada,

do lado esquerdo, em relevo, uma aljava pormenorizadamente delineada (com tampa e alça); e, do lado direito, também em relevo, o arco de caça.

O dedicante – *Fonteius Philomusus* – foi, mui provavelmente, um liberto da *gens Fonteia*, de que é este o único testemunho no Sul da Lusitânia.



Leitura:

D(ianae) S(ilvestri) [vel D(eo) S(ilvano)]
S(acrum) / FONTEIVS PHILOMV / SVS EX VO /
TV ANIMO / LIBENS / POSVIT

Bibliografia:

Figueiredo, 1889, p. 120, n.º 2; IRCP 58.

Tradução:

Consagrado a *Diana Silvestre* (ou ao deus *Silvano*). *Fonteivs Philomvsus* colocou de boa vontade, por voto [este monumento].
Jd'E